



O VERÃO QUE MUDOU MINHA VIDA

Da mesma autora do best-seller
Para todos os garotos que já amei

Jenny
Ham



**O VERÃO
QUE MUDOU
MINHA VIDA**

*Jenny
Han*

TRADUÇÃO DE MARIANA RIMOLI



Copyright © 2009 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

The Summer I Turned Pretty

EDIÇÃO

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Milena Vargas

Juliana Werneck

Mariana Bard

DIREÇÃO DE ARTE

Lucy Ruth Cummins

ARTE DE CAPA

©2017 Jim Tierney

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

Sumário

O verão que mudou minha vida

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

*Para todas as irmãs importantes na minha vida, especialmente
Claire.*

— NÃO ACREDITO QUE você está aqui — falei.

— Nem eu. — Ele tinha um ar quase tímido, hesitante. — Você ainda vem comigo?

Ele nem precisava perguntar. Eu iria a qualquer lugar com ele.

— Sim — respondi.

Era como se nada mais existisse além daquela palavra, além daquele momento. Só havia nós dois. Tudo que tinha acontecido no verão anterior, e em cada verão antes daquele, nos levava até ali. Até agora.

1

ESTÁVAMOS NA ESTRADA fazia uns sete milhões de anos — pelo menos era o que parecia. Meu irmão, Steven, dirigia mais devagar que nossa avó. Eu estava sentada ao seu lado, com os pés no painel, enquanto minha mãe ia no banco de trás, apagada. Ela parecia alerta mesmo enquanto dormia, como se pudesse acordar a qualquer momento para assumir a direção.

— Vai mais rápido! — pedi, cutucando o ombro dele. — Vamos ser deixados pra trás por aquela criança na bicicleta.

Steven se esquivou de mim.

— Nunca encoste no motorista. E tire esses pés sujos do meu painel.

Balancei os dedos dos pés; para mim estavam limpinhos.

— O painel não é seu. E o carro daqui a pouco vai ser meu, lembra?

— Isso se você algum dia conseguir tirar a carteira de motorista — zombou ele. — Acho que pessoas como você deveriam ser proibidas de dirigir.

— Ei, olha ali! — comentei, apontando pela janela. — Aquele cara na cadeira de rodas acabou de ultrapassar a gente!

Steven me ignorou, então comecei a mexer no rádio. Uma das minhas partes favoritas de viajar para a praia eram as estações de rádio de lá. Elas eram tão familiares para mim quanto as que eu ouvia em casa, por isso sentia como se já tivesse chegado ao nosso destino.

Encontrei minha estação preferida, que tocava de tudo, de pop e clássicos a hip-hop. Tom Petty estava cantando “Free Fallin’”, e comecei a acompanhar:

— *She’s a good girl, crazy ’bout Elvis. Loves horses and her boyfriend too.*

Steven tentou trocar de estação, mas dei um tapa na mão dele.

— Belly, é que sua voz me dá vontade de jogar o carro no mar — explicou ele, fingindo dar uma guinada para a direita.

Cantei ainda mais alto, o que acordou minha mãe, que também se juntou à cantoria. Nós duas tínhamos vozes terríveis, e Steven balançou a cabeça daquele jeito intragável dele. Meu irmão detestava quando nos uníamos contra ele; era o que ele mais odiava na história do divórcio: ter se tornado o único homem na família e não poder mais contar com nosso pai para apoiá-lo nesses momentos.

Por mais que eu implicasse com Steven, na verdade não me importava muito com a lerdeza dele. Eu adorava aquela estrada, aquele momento. Ver a cidadezinha de novo, o restaurante de frutos do mar, o campo de minigolfe, as lojas de surfe... Era como voltar para casa depois de ter passado muito tempo fora. E o verão estava cheio de promessas e possibilidades.

Conforme nos aproximávamos da casa, eu sentia a vibração familiar no peito. Estávamos quase chegando.

Abaixei o vidro do carro e deixei que todas aquelas sensações entrassem. O ar tinha o mesmo gosto e o mesmo cheiro de sempre. O vento que deixava meu cabelo pegajoso de maresia, a brisa salgada do mar... tudo parecia igual. Como se tivesse ficado à minha espera.

Steven me cutucou com o cotovelo.

— Está pensando no Conrad, é? — perguntou, debochado.

Pela primeira vez em muito tempo, a resposta veio com facilidade:
— Não.

Minha mãe enfiou a cabeça entre os dois bancos da frente.

— Belly, você ainda gosta do Conrad? Pelo andar da carruagem, achei que tinha rolado alguma coisa entre você e o Jeremiah no verão passado.

— O QUÊ? O Jeremiah? — Steven parecia enojado. — O que aconteceu entre vocês dois?

— Nada — afirmei, me dirigindo aos dois, sentindo o sangue correndo para minha cabeça. Queria já estar bronzeada, para esconder o rubor. — Mãe, não é porque duas pessoas são amigas que tem alguma coisa rolando. Por favor, pare de ficar insinuando essas coisas.

Minha mãe se recostou de volta no banco traseiro e, em um tom que dava a entender que o assunto estava encerrado — que nem a insistência de Steven conseguia reverter —, disse:

— Certo.

No entanto, como Steven era Steven, ele tentou mesmo assim:

— Mas o que aconteceu entre vocês dois? Sério, não tem como largar uma bomba dessas e depois mudar de assunto!

— Deixa isso pra lá — retruquei.

Revelar qualquer coisa só daria mais munição para meu irmão implicar comigo. E, além do mais, eu não tinha o que contar. Nunca tive, para ser bem sincera.

Conrad e Jeremiah eram filhos da Beck — que na verdade era Susannah Fisher, ex-Susannah Beck, e só minha mãe a chamava de Beck. As duas se conheciam desde os nove anos e diziam que eram irmãs de sangue. Tinham até cicatrizes para provar: marcas idênticas em forma de coração no pulso.

Susannah me contou que no dia em que nasci ela soube que eu namoraria um de seus filhos. Disse que era o destino. Minha mãe, que em geral não acredita nessas coisas, concordou que seria mesmo perfeito, contanto que eu tivesse pelo menos alguns outros namorados antes do casamento. Na verdade, ela disse “amantes”, mas a palavra me incomodava. Susannah segurou meu rosto e declarou:

— Belly, você tem minha bênção eterna. Odiaria perder meus meninos para qualquer outra mulher.

Passávamos o verão na casa de praia da Susannah, em Cousins Beach, todos os anos desde que eu era um bebezinho — até mesmo antes de eu nascer, na verdade. Eu gostava mais da casa do que da cidadezinha propriamente dita. Aquela casa era meu mundo. Tínhamos nosso próprio pedaço de praia e havia mais uma porção de coisas legais: a varanda enorme ao redor da construção onde apostávamos corrida, as jarras de chá gelado, os banhos de piscina à noite... e os meninos, acima de tudo.

Sempre me perguntei como os meninos ficavam em dezembro. Tentava imaginá-los com cachecóis vermelhos, suéteres de gola alta e bochechas rosadas, perto da árvore de Natal, mas nunca conseguia. Eu não conhecia a versão de inverno do Jeremiah e do Conrad e invejava todas as pessoas que já os tinham visto nos meses mais frios. Para mim restavam os chinelos, os narizes vermelhos de sol, os calções de banho e a areia. Mas e todas aquelas garotas da cidade que ficavam com as batalhas de bolas de neve no bosque? Que se aconchegavam neles enquanto esperavam o carro esquentar? Para quem eles emprestavam o casaco quando estava frio? Bem, talvez Jeremiah emprestasse. Conrad não era disso. Conrad nunca faria nada do tipo, não era o estilo dele. Mesmo assim, não parecia justo.

Eu ficava sentada perto do aquecedor nas aulas de história imaginando o que eles estariam fazendo, se também estariam esquentando os pés em outro lugar. E contava os dias para o verão começar. Para mim, era quase como se o inverno nem existisse; só o verão realmente importava. Minha vida era contada em verões. Como se eu não vivesse de verdade até junho, até estar naquela praia, naquela casa.

Conrad era um ano e meio mais velho que o irmão; um menino muito, muito, muito sombrio, totalmente inalcançável. Tinha sempre um sorrisinho torto — e eu não conseguia parar de olhar para sua boca. Era o tipo de boca que dava vontade de beijar, para amaciar os lábios e acabar de vez com aquele sorrisinho. Bem, talvez não *acabar de vez*... Mas era o tipo de boca que dava vontade de

controlar. De conquistar para si. E era exatamente o que eu queria: que Conrad fosse meu.

* * *

Com Jeremiah era diferente. Jeremiah era meu amigo, ele era legal. O tipo de garoto que ainda abraçava a mãe e aceitava ficar de mãos dadas com ela mesmo tecnicamente sendo velho demais para isso. Ele não ficava com vergonha. Jeremiah Fisher estava ocupado demais se divertindo para sentir vergonha de alguma coisa.

Aposto que Jeremiah era mais popular que Conrad no colégio. Acho que as garotas gostavam mais dele. Acho que, se não fosse pelo futebol americano, Conrad não chamaria muita atenção; seria só um garoto quieto e mal-humorado, não um deus do esporte. E eu gostava daquilo. Gostava daquele Conrad que preferia ficar sozinho, tocando violão. Como se estivesse acima daquelas idiotices da escola. Eu gostava de pensar que, se Conrad fosse estudar no meu colégio, não jogaria futebol; ele entraria para o jornal da escola e se interessaria por alguém como eu.

* * *

Quando finalmente chegamos à casa, encontramos Jeremiah e Conrad sentados na varanda. Eu me debrucei por cima de Steven e toquei a buzina duas vezes, o que, na nossa linguagem de verão, significava: *Venham nos ajudar com as malas, câmbio.*

Conrad acabara de completar dezoito anos. E estava mais alto do que no verão anterior, se é que era possível, com o cabelo bem curto e mais escuro do que nunca. Já Jeremiah deixara o cabelo crescer e parecia um pouco desleixado — mas no bom sentido, tipo um jogador de tênis da década de 1970. Quando era mais novo, Jeremiah tinha o cabelo cacheado e tão loiro que ficava quase platinado no verão. Ah, mas ele odiava os cachinhos. Teve uma época em que Conrad o convenceu de que era a casca do pão que

fazia o cabelo enrolar, e Jeremiah passou a deixar todas as bordas dos sanduíches para o irmão. À medida que ele foi crescendo, o cabelo foi ficando menos encaracolado e mais ondulado. Eu sentia falta dos cachos; Susannah o chamava de anjinho, e ele parecia mesmo um anjo, com as bochechas rosadas e os cachinhos dourados. Bem, ao menos ainda tinha as bochechas rosadas.

Jeremiah fez um megafone com as mãos e gritou:

— Stevieeee!

Fiquei sentada no carro, enquanto Steven ia até eles num passo tranquilo e os três se abraçavam daquele jeito de garoto. O ar estava salgado e úmido, como se a qualquer momento fosse começar a chover água do mar. Fingi que amarrava o cadarço do tênis, mas na verdade só queria um tempo sozinha para admirar um pouco os meninos e a casa. Era uma construção grande, cinza e branca, igual a todas as outras da rua, só que melhor. Exatamente do jeito que eu achava que uma casa de praia deveria ser. Parecia um lar.

Minha mãe também saiu do carro.

— Oi, meninos. Cadê a mãe de vocês?

— Oi, Laurel. Ah, ela está só tirando um cochilo — respondeu Jeremiah.

Susannah quase sempre vinha correndo nos cumprimentar assim que estacionávamos.

Minha mãe os alcançou em três passos e deu abraços apertados nos dois garotos. O abraço dela era firme e vigoroso, assim como seu aperto de mão. Ela entrou, os óculos escuros no topo da cabeça.

Saí do carro e pendurei a mochila no ombro. Eles não repararam que eu estava chegando, pelo menos a princípio. Até que me viram. E me viram *de verdade*. Conrad deu uma olhada que costumo receber dos caras no shopping. Ele nunca tinha me olhado daquele jeito, e eu já sentia o rubor voltando. Jeremiah precisou olhar duas vezes, como se não me reconhecesse. Isso tudo durou uns três segundos, mas pareceu muito mais tempo.

Conrad me abraçou primeiro; era um abraço frio e cauteloso, que mantinha distância. Tinha cortado o cabelo havia pouco tempo, e a

pele ao redor da raiz e do pescoço estava rosada como a de um bebê. Ele tinha cheiro de mar. E cheiro de Conrad.

— Prefiro você de óculos — comentou ele, com os lábios bem perto da minha orelha.

Fiquei magoada. Eu o afastei e respondi:

— Bom, azar o seu. As lentes de contato vieram pra ficar.

Ele sorriu para mim. E aquele sorriso... simplesmente me ganhou. O sorriso do Conrad sempre me ganhava.

— Acho que você arranjou umas pintinhas novas — completou, encostando a ponta do dedo no meu nariz.

Ele sabia que eu detestava minhas sardas e sempre fazia questão de me provocar.

Então Jeremiah me abraçou, quase me levantando.

— Nossa, a Bellynha cresceu — cantarolou.

Dei uma risada.

— Me bota no chão! Você está com cecê!

Jeremiah riu.

— Ah, aí está a velha Belly — retrucou ele, mas continuou me encarando como se não tivesse certeza de quem eu era. Inclinou a cabeça, comentando: — Tem alguma coisa diferente em você.

Fiquei na defensiva.

— O quê? Só estou usando lentes de contato.

Eu também ainda não estava muito acostumada com minha aparência sem os óculos. Minha melhor amiga, Taylor, tentava me convencer a usar lentes desde o sexto ano, e eu finalmente cedera.

Jeremiah sorriu.

— Não é isso. Você está diferente.

Voltei para o carro, e os garotos foram atrás. Tiramos as coisas do porta-malas; assim que terminamos, peguei minha mala e minha bolsa de livros e fui para meu antigo quarto. Aquele cômodo fora da Susannah quando ela era mais nova. O papel de parede estava desbotado, e o quarto tinha móveis brancos e uma caixinha de música que eu amava. Quando aberta, uma bailarina rodopiava ao som da música-tema do filme *Romeu e Julieta* (mas a versão antiga). Eu guardava minhas bijuterias ali. Tudo naquele quarto era velho e desbotado, mas eu o adorava. Parecia esconder segredos

nas paredes, na cama com dossel e, principalmente, na caixinha de música.

Precisei fazer uma pausa para recuperar o fôlego depois de finalmente rever Conrad, ainda mais depois *daquela olhada* que ele me deu. Abracei o urso-polar de pelúcia que ficava em cima da cômoda. O nome dele era Junior Mint, mas, para mim, era só Junior. Eu me sentei com o ursinho na cama de solteiro; meu coração batia tão alto que dava até para ouvir. Tudo estava igual, mas diferente. Os dois tinham me olhado como se eu fosse uma garota de verdade, não a irmã mais nova de um amigo.

2

Doze anos

FOI AQUI NESTA casa que tive o coração partido pela primeira vez. Eu tinha doze anos.

Era uma das raras noites em que os meninos não estavam todos juntos: Steven e Jeremiah tinham saído para uma pescaria noturna com uns garotos do fliperama, mas Conrad recusara o convite. Eu nem tinha sido convidada, claro. Então nós dois ficamos.

Quer dizer, não *ficamos*. Só estávamos na mesma casa.

Eu estava lendo um livro no meu quarto, com os pés apoiados na parede, quando Conrad entrou. Ele me olhou e perguntou:

— Belly, o que você vai fazer hoje à noite?

Fechei o livro mais que depressa e respondi:

— Nada.

Tentei manter a voz neutra, sem demonstrar muita empolgação ou ansiedade. Tinha deixado a porta aberta de propósito, na esperança de que ele entrasse.

— Quer passear no calçadão? — convidou Conrad, um tanto indiferente, talvez indiferente até demais.

Ali estava: o momento pelo qual eu vinha esperando. Finalmente tinha idade suficiente para aquilo. Parte de mim já sabia que eu estava pronta. Olhei para Conrad com quase tanta indiferença quanto ele demonstrou ao me fazer o convite.

— Pode ser. Estou com desejo de comer maçã do amor.

— Eu compro uma pra você. Mas tem que ser rápido, só vista uma roupa e vamos. Nossas mães vão ao cinema e podem deixar a gente lá no caminho.

— Ok — respondi, me sentando na cama.

Assim que Conrad saiu do quarto, fechei a porta e corri para o espelho. Soltei a trança e escovei o cabelo — que batia quase na cintura. Tirei o maiô e vesti um short branco e minha blusa cinza preferida, a que meu pai dizia que combinava com meus olhos. Passei um pouco de gloss de morango e guardei o tubinho no bolso, para mais tarde. Caso eu precisasse retocar.

No carro, Susannah não parava de sorrir para mim pelo retrovisor. Olhei para ela com uma cara de “Fique quieta, por favor”, mas querendo retribuir o sorriso. Conrad não estava prestando atenção. Passou o percurso inteiro olhando pela janela.

— Divirtam-se, crianças — disse Susannah, dando uma piscadinha quando fechei a porta.

Conrad comprou a maçã do amor para mim, mas só quis beber um refrigerante. Em condições normais, ele comeria pelo menos duas maçãs do amor, ou talvez uma porção de churros. Mas parecia nervoso, o que me deixou menos nervosa.

Quando caminhamos pelo calçadão balancei o braço bem perto dele — *vai quê...* Mas Conrad nem encostou em mim. Era uma daquelas noites de verão perfeitas, com brisa fresca e nenhum sinal de chuva. Choveria no dia seguinte, mas naquela noite só tinha um ventinho gostoso vindo do mar.

— Vamos parar aqui pra eu comer minha maçã — pedi, e nos sentamos em um banco virado para o mar.

Mordi a maçã com cuidado, com medo de que o caramelo grudasse nos dentes. Como iria beijá-lo toda suja de caramelo?

Conrad tomou a Coca fazendo bastante barulho com o canudo e olhou o relógio.

— Quando você terminar, vamos na barraca das argolas.

Ele queria ganhar um bicho de pelúcia para me dar! Eu até já sabia qual ia escolher: o urso-polar com óculos de arame e cachecol. Eu tinha passado o verão inteiro de olho naquele urso. Já conseguia até me imaginar me exibindo para Taylor. *Ah, esse ursinho? Conrad ganhou pra mim.*

Devorei o resto da maçã do amor em duas mordidas.

— Pronto! — anunciei, limpando a boca com a mão. — Vamos lá.

Conrad foi direto para a barraca, e tive que andar bem depressa para acompanhar seu passo. Como sempre, ele estava meio calado, então eu comecei a falar mais que o normal, para compensar.

— Acho que quando a gente voltar minha mãe vai finalmente assinar alguma TV a cabo. Já faz séculos que Steven e meu pai estão tentando convencê-la. Ela diz que é contra televisão, mas sempre assiste aos filmes do A&E quando estamos aqui. É tão hipócrita...

Minha voz foi morrendo quando notei que Conrad nem me ouvia. O olhar dele estava vidrado na garota que trabalhava na barraca das argolas.

A garota parecia ter uns quinze anos, e a primeira coisa em que reparei foi no short dela. Era amarelo-canário e muito, muito curto. Exatamente igual ao que eu tinha usado dois dias antes e que gerara tantos comentários debochados dos meninos. Eu havia ficado tão feliz quando comprei aquele short com Susannah, e os meninos só riram da minha cara. Na menina da barraca das argolas, ficava bem melhor.

As pernas dela eram finas e cheias de sardas, assim como os braços. Tudo nela era fino, até os lábios. A garota era ruiva, com o cabelo longo e ondulado, mas o tom dos fios era tão claro que parecia quase cor de pêssego. Acho que era o cabelo mais bonito que eu já tinha visto. Estava repartido para o lado, e era tão comprido que ela não parava de jogá-lo para trás, porque os fios caíam no rosto sempre que entregava as argolas para alguém.

Conrad tinha ido ao calçadão por causa dela. E havia me levado porque não queria ir sozinho, mas também não queria que Steven e Jeremiah soubessem e enchessem seu saco. Era por isso. Era essa a razão. Dava para ver pela forma como ele a olhava, quase prendendo a respiração.

— Você conhece essa garota? — perguntei.

Conrad me olhou espantado, como se tivesse esquecido que eu estava ali.

— Hã? Não, não conheço.

Mordisquei o lábio.

— Bem, quer conhecer?

— O quê?

Ele parecia confuso, e fiquei bem irritada.

— Quer conhecer aquela menina? — perguntei, impaciente.

— Pode ser.

Eu o puxei pela manga até a barraca.

A garota sorriu para nós, e eu retribuí com um sorriso forçado. Pura falsidade.

— Quantas argolas?

A garota usava aparelho, mas nela ficava bonito, como se fossem joias, não um instrumento ortodôntico.

— Vamos querer três — respondi. — Gostei do seu short.

— Obrigada!

Conrad pigarreou.

— É bem bonito.

— Pensei que fosse achar curto demais como achou o short exatamente igual a esse que eu usei anteontem. — Virei para a garota. — Conrad é muito protetor, sabe? Você tem irmãos mais velhos?

— Não. — Ela riu. E perguntou a Conrad, se exibindo: — Acha curto demais?

Ele ficou vermelho. Eu nunca tinha visto Conrad ficar vermelho, nunca, em todo aquele tempo que nos conhecíamos. E tive a sensação de que não veria de novo. Fiz uma grande encenação olhando o relógio e disse:

— Con, vou dar uma volta na roda-gigante antes que a gente vá embora. Mas ganhe um prêmio pra mim, está bem?

Ele assentiu, ansioso, e eu me despedi da garota. Saí andando na direção da roda-gigante o mais rápido que pude, para que eles não me vissem chorar.

Mais tarde, soube que a garota se chamava Angie. Conrad acabou ganhando o urso-polar com óculos e cachecol. Segundo Angie, aquele era o melhor prêmio da barraca, e Conrad achou que eu também fosse gostar. Falei que teria preferido a girafa, mas agradei mesmo assim. Batizei o urso de Junior Mint e o deixei em seu lugar de direito, na casa de praia.

3

DESFIZ AS MALAS e fui direto para a piscina, onde eu sabia que encontraria os meninos. Os três estavam deitados nas espreguiçadeiras, balançando os pés sujos para fora.

Jeremiah deu um pulo assim que me viu.

— Senhooras e senhoores! — começou, em uma voz teatral, inclinando o corpo para a frente como um apresentador de circo. — Está aberta a temporada de lançamento da Belly deste verão!

Hesitei, tentando fugir, mas, se eu fizesse algum movimento brusco, eles partiriam para cima de mim e me perseguiriam até conseguirem me pegar.

— Nem pensar! — retruquei.

Conrad e Steven também se levantaram, formando um círculo ao meu redor.

— Você não pode quebrar a tradição — declarou Steven.

Conrad só abriu um sorrisinho malévolo.

— Estou velha demais pra isso — argumentei, desesperada.

Tentei dar uns passos para trás, mas eles me pegaram. Steven e Jeremiah seguraram meus braços.

— Parem com isso, garotos! — pedi, tentando me soltar.

Firmei os pés no chão, só que eles me arrastaram mesmo assim. Sabia que seria inútil resistir, mas sempre tentava, mesmo arranhando a sola dos pés no chão.

— Pronta? — perguntou Jeremiah, passando as mãos por baixo dos meus braços e me levantando.

Conrad segurou meus pés. Steven pegou meu braço direito e Jeremiah ficou com o esquerdo. Eles me balançaram para os lados, como se eu fosse um saco de farinha.

— Eu odeio vocês três! — gritei, em meio às risadas deles.

— Um! — começou Jeremiah.

— Dois! — continuou Steven.

— E três! — encerrou Conrad.

Eles me jogaram na piscina, de roupa e tudo. Caí como uma bomba, fazendo um barulhão. Dava para ouvir as gargalhadas deles mesmo debaixo d'água.

Essa história de lançamento da Belly era muito antiga. Devia ter sido ideia do Steven. E eu odiava. Mesmo que fosse uma das únicas ocasiões em que eles me incluíam na brincadeira, eu odiava ser o brinquedo. Ficava me sentindo impotente, e era um lembrete de que eu não fazia parte do grupo, de que era fraca demais para ganhar deles, tudo porque eu era menina. Porque era a irmãzinha de alguém.

Eu sempre chorava e corria para Susannah e para minha mãe, mas não adiantava. Os garotos me chamavam de fofoqueira. Só que daquela vez eu não ia chorar. Demonstraria um pouco de espírito esportivo. Pensei que, se fingisse levar na boa, a brincadeira talvez perdesse um pouco a graça.

Quando retornei à superfície, abri um sorriso enorme e comentei:

— Nossa, vocês parecem que têm dez anos.

— E vamos parecer sempre — retrucou Steven, satisfeito, e me deu vontade de afogar aquela cara presunçosa dele junto com seus preciosos óculos de sol Hugo Boss que ele precisou trabalhar feito um condenado para comprar.

Em vez disso, comentei, fingindo ter dificuldade para nadar até eles:

— Acho que você torceu meu tornozelo, Conrad.

Conrad foi até a beira da piscina e provocou, com aquele sorrisinho meio de lado:

— Ah, tenho certeza de que você vai sobreviver.

— Pelo menos me ajude a sair daqui — pedi.

Ele se agachou e estendeu a mão, e eu agradeci com uma voz estridente.

Então segurei sua mão bem firme e puxei com toda a minha força. Conrad se desequilibrou e caiu na piscina, espalhando mais água do que eu. Acho que eu nunca tinha rido tão alto em toda a minha vida. Jeremiah e Steven também riram. Parecia que toda Cousins Beach podia escutar nossas risadas.

Conrad emergiu depressa e nadou até mim com apenas duas braçadas. Fiquei com medo de ele estar zangado, mas não estava — pelo menos não muito. Conrad sorria, mas era um sorriso meio ameaçador. Eu me afastei depressa.

— Você não vai me pegar! — anunciei, alegremente. — É muito lento!

A cada vez que ele chegava mais perto, eu me afastava.

— Marco! — gritei, rindo.

Jeremiah e Steven, que já estavam entrando em casa, responderam:

— Polo!

Aquilo me fez rir e desacelerar. Conrad conseguiu agarrar meu pé.

— Me solta! — pedi, ainda rindo.

Ele balançou a cabeça.

— Você não disse que eu era muito lento? — retrucou, batendo os pés e levantando bastante água perto de mim.

Nós estávamos na parte mais funda da piscina. A camiseta branca e ensopada dele mostrava sua pele rosada e brilhante.

Um silêncio meio estranho se estendeu entre nós. Ele ainda segurava meu pé, e eu tentava não afundar. Por um segundo, desejei que Jeremiah e Steven ainda estivessem ali. Só não sabia dizer por quê.

— Me solta — pedi outra vez.

Ele me puxou pelo pé, e estar tão perto de Conrad me deixava meio tonta e nervosa.

Pedi de novo, uma última vez, mesmo que no fundo não fosse o que eu quisesse:

— Conrad, me solta.

Ele soltou.

Então afundou minha cabeça. Não me incomodou muito: eu já estava segurando o fôlego mesmo.

4

SUSANNAH ACORDOU DA soneca pouco depois de vestirmos roupas secas, pedindo desculpa por ter perdido nossa chegada triunfal. Ela ainda estava meio sonolenta, com um lado do cabelo todo arrepiado, feito uma criança. Ela e minha mãe se abraçaram primeiro, um abraço forte e demorado. Minha mãe estava tão feliz de vê-la que tinha lágrimas nos olhos — e olha que ela *nunca* chora.

Depois foi a minha vez. Susannah me envolveu num longo abraço, daqueles que demoram tanto que a gente fica se perguntando se falta muito para acabar, preocupada com quem é que vai se afastar primeiro.

— Você está mais magra! — comentei, em parte porque era verdade, em parte porque eu sabia que ela adorava ouvir aquilo.

Susannah vivia de dieta, sempre preocupada com a alimentação. Para mim, ela sempre estava perfeita.

— Ah, obrigada, querida! — Ela finalmente me soltou e se afastou um pouco para me observar. Então balançou a cabeça, perguntando: — Quando foi que você cresceu tanto? Quando se tornou essa mulher fenomenal?

Abri um sorriso, constrangida, feliz porque os garotos estavam lá no segundo andar, longe demais para ouvir aquilo.

— Ah, eu continuo a mesma...

— Você sempre foi linda, minha querida, mas agora... Ah, olhe só! — Ela balançou a cabeça, parecendo atordoada. — Está tão, tão bonita. Vai ter um verão incrível. *Incrível*. Um verão inesquecível.

Susannah sempre falava com muita convicção, então acabava soando mais como um decreto, como se tudo fosse se tornar verdade só porque ela estava dizendo.

A verdade é que Susannah estava certa. Foi um verão realmente inesquecível. Foi o verão que mudou minha vida. Porque, pela primeira vez, eu me senti linda. A cada ano, eu sempre achava que o verão seria diferente, que minha vida ia mudar. Naquele, ela finalmente mudou. Porque eu mudei.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trilogia Verão 1 - O verão que mudou a..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).